

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II: COMBATE A DISCRIMINAÇÃO/PRECONCEITO EM RELAÇÃO A ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO.

Karla Whysla de Oliveira Monteiro¹

Resumo: A partir da análise dentro da escola voltada para o ensino fundamental II, busco observar as ocorrências de práticas discriminatórias dentro da escola e a forma na qual as pessoas e a instituição respondem, qual tipo de educação sexual é ou era abordada pelos docentes. Considerando que, ditos conteúdos podem ser um meio de combater os preconceitos e a discriminação à alunos/as que tem sua ou seu gênero ou sexualidade diferente do considerado padrão heterossexual. Procura-se também observar o comportamento dos/as alunos/as em relação aos colegas com uma orientação sexual dissidente. Para isso, serão realizadas observações de tipo etnográfico e elaborado um diário de pesquisa, descrevendo situações em sala de aula e durante os intervalos na escola pública de Baturité, Domingos Sávio, voltadas principalmente para o ensino fundamental II, com foco nas turmas de 8º e 9º ano. Serão entrevistados professores e professoras. Por tratar-se de estudantes menores de idade, serão coletadas narrativas de ex-alunos/as LGBTQI+, relatando suas vivências durante o período escolar. Com elas, busco entender como a educação sexual era abordada anteriormente, qual era o método utilizado pelos/as professores/as dentro da sala de aula, como os docentes se posicionavam em relação as discriminações e aos preconceitos que os/as alunos/as sofriam por causa da sua orientação sexual.

Palavras-chave: Sexualidade, gênero, discriminação, educação sexual e escola.

1. APRESENTAÇÃO

O ano eleitoral de 2018 foi um ano polêmico em termos políticos, onde determinados candidatos se promoveram propagando Fake News² em torno de temas como a educação sexual nas escolas, a qual consideram como desnecessária e imprópria. As Fake News viralizaram, milhares delas foram compartilhadas, fazendo com que muitas pessoas acreditassem no que era divulgado nas redes sociais. Uma famosa Fake News afirmava que dentro dos ambientes escolares, era utilizado um conteúdo, destinado a “fazer crianças a se tornar homossexuais” -como os kits gays³.

Falar sobre sexualidade e gênero ainda é um tabu, as pessoas tentam até evitar em falar sobre o assunto, seja por opção ou até mesmo orientações religiosas. Apesar das campanhas, uma pesquisa realizada pela Datafolha⁴ em 2018 relatou que 54% da população é a favor da

¹ Graduanda no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. 2021. Email: kwhysla@gmail.com/karla_whysla@hotmail.com.

² Fake News, são notícias criadas/inventadas, com informações falsa, mas que tendem a se propagar nas redes sociais, fazendo com o que leitor realmente acredite no que ler.

³ MIRANDA, Andrew; Fake news sobre kit gay tiveram 146 mil compartilhamentos, diz entidade; EU, RIO!, 2018. Acesso:19/05/2019.

⁴ MILENA, Lilian; Maioria no país defende educação sexual nas escolas, diz Datafolha, Jornal GGN, 2019. Acesso: 21/05/2019.

educação sexual nas escolas. Sendo a maioria, o número ainda é considerado desfavorável, pois a educação sexual é de total relevância nas escolas e também dentro do ambiente familiar.

Em dois de janeiro de 2019, após a posse do atual governo, a ministra Damares⁵, da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, apareceu em um vídeo, afirmando que “menino veste azul e menina veste rosa”, gerou uma grande repercussão, e muitas pessoas repudiaram sua afirmação. A Ministra dá a entender que deveríamos educar a geração infantil, prevalecendo os preceitos da família conservadora, igual aos padrões do passado, sendo o sexo como fator para definir o gênero e a orientação sexual das crianças, incluindo a forma de vestir, se comportar e de brincar.

Em visto de todas as polêmicas que vivemos desde 2018 fiquei me perguntando, até que ponto a educação sexual realmente acontece dentro das escolas? E de que forma a educação sexual pode ser de importância para os/as adolescentes que sofrem discriminação e preconceito por causa da sua orientação sexual? Será que a educação sexual é instruída dentro das escolas como um meio de pôr fim ou diminuir os preconceitos?

Mas porque falar sobre sexualidade na escola é tão importante? A sexualidade está bem presente em nossas vidas, principalmente na vida dos adolescentes, a sexualidade não é algo inerte, “é algo que não possa ser desligado ou algo que possa se despir” (LOURO, 2003, p.81) e é imprescindível falar sobre o assunto. Para Foucault (1988), é necessário falar sobre o sexo, pois a sexualidade existe em todas as idades, seja ela precocemente, ativa ou permanente, assim como todos precisam falar sobre, seja este médico/a, diretores/as, professores/as dentre outros. A sexualidade tem que ser tratada em diversos locais além do ambiente familiar, mesmo sabendo que é um tema que causa desconforto em ser abordado por adolescentes e pais, e muitos acabam preferindo falar com os seus colegas ou até expressam suas dúvidas de outras formas implícitas. Como explica Guacira Lopes Louro (2003, p.131):

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas do/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros, e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula-assumidamente ou não- nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes.

A educação sexual ela faz parte do ambiente escolar mesmo que seja implicitamente, pois é nesses ambientes que as crianças começam a se desenvolver, a se descobrir sexualmente. A partir desse convívio com seus colegas e professores/as, a criança acaba tendo

⁵ PAINS, Clarissa; Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares Alves em vídeo; O GLOBO, 2019. Acesso: 02/06/2019.

medos, angústias, dúvidas e dificuldades em relação ao gênero. Sabemos ainda que, as dúvidas sobre a sexualidade existirão desde muito cedo na criança, não há como negar, esse contato vem muito antes, no primeiro ano de vida, podemos perceber que elas têm uma certa curiosidade com aquilo que é desconhecido em seu corpo. Até mesmo meu filho quando estava com dois anos de idade, mesmo permanecendo vestido durante todo dia, acontecia das vezes ele está olhando suas partes íntimas ou até mesmo tocando, então queira ou não essas questões estão presentes bem antes da escola, e a instituição tem papéis fundamentais para o seu desenvolvimento.

Muitos se preocupam em serem criticados por serem fora da norma e acabam aderindo uma imagem que não lhe é sua, uma fachada, vive de aparências com medo de ser quem realmente são, e muitos acabam aderindo/aceitando os estereótipos impostos pela a sociedade. Vemos que Luma Andrade (2012) em sua tese, traz relatos de jovens travesti na escola de Ensino Médio, onde algumas são respeitadas dentro do ambiente escolar, enquanto outras, acabam vendo a escola como “um dos espaços mais repressores da sociedade, por tratar como erro e tentar eliminar a cultura da travesti” (p.54), algumas ainda sofrem represálias no próprio ambiente familiar. *No livro Um Corpo Estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. De Guacira Lopes Louro fala sobre as normas regulatórias:

[...] Suas escolhas, suas formas e seus destinos passam a marcar a fronteira e o limite, indicam o espaço que não deve ser atravessado. Mais do que isso, ao ousarem se construir como sujeitos de gênero e de sexualidade precisamente nesses espaços, na resistência e na subversão das “normas regulatórias”, eles e elas parecem expor, com maior clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas. (LOURO, 2015, p. 18)

A educação sexual orienta e ensina as crianças e adolescentes a respeitar o próximo que têm uma opção sexual diferente da sua, um meio de tentar diminuir a discriminação dentro da escola que acontece com os/as alunos/as considerados/as LGBTIQ+. Além disso, a escola acaba sendo fundamental para quem sofre represálias dentro de casa e busca a escola ou o/a professor/a como refúgio. Portanto a educação sexual é para prevenir e orientar, as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e a ensinar a identificar o assédio, além de orientá-los a não temer nesse caso, que buscar por ajuda não é vergonhoso e sim necessário (BRASIL, PNC's, livro102, p.78-79).

Vemos bem presente, crianças que sofrem preconceitos e bullying constantemente na escola, são violentados, rejeitados pela sua opção sexual, além de toda a pressão que passam, são também rejeitados pela família e sociedade. A escola poderia ser, um lugar de apoio, onde a pessoa LGBTIQ+ expressa os seus sentimentos. Em alguns estudos percebi que os alunos/as

que são LGBTIQ+ abandonam a escola por não aguentar os preconceitos e discriminação. Luma Andrade (2012) em sua tese descreve como foi violentada por querer atravessar essa linha:

[...]desde criança sofro com a imposição e segregação dos comportamentos determinados para alunos/as dos sexos masculino e feminino. Na escola, fui violentamente castigada física e verbalmente quando buscava qualquer tentativa de cruzamento da linha de fronteira que separa o sexo masculino do feminino. A vigília era constante nas brincadeiras, nos brinquedos utilizados, nos gestos. (p.19)

Infelizmente nossa sociedade ainda carregam traços do conservadorismo e violência, persistindo a imagem preconceituosa dos homossexuais como algo anormal, uma doença (VIDALE, 2017). Tanto que, vemos muitas mortes de homossexuais por pessoas homofóbicas, e o que mais me choca é saber que alguns crimes foram cometidos pela própria família. Uma pesquisa realizada pelo Data Popular⁶ em 2013 revelou que 37% dos brasileiros não aceitariam um filho/a homossexual. Nessa pesquisa podemos observar que a rejeição maior está entre homens e pessoas com idade acima de cinquenta anos, vemos também nessa pesquisa uma rejeição em relação a casamento de homossexuais, além disso o Ceará é um dos estados que mais tem crimes de homofobia. De acordo com os dados levantados pelo Grupo Gay⁷ em 2017, trinta pessoas do grupo LGBTIQ+ foi assassinada por homofobia, sendo um dos crimes mais brutal no Ceará, o assassinato de Dandara uma travesti de 42 anos, foi morta, espancada e ainda foram feitas filmagens da agressão.

Sabemos que, a desigualdade em si, dentro ou fora da escola acontece tanto por questões raciais como de gênero. Os/as LGBTIQ+ e os/as negros/as são vistas como pessoas marginalizadas, e essa situação só piora quando se é gay e negro, pois acabam sofrendo mais ainda com essas discriminações. A escola “tem como uma das suas principais missões socializar, incluir e acolher a diversidade trazida pelos seus atores, observa-se comumente práticas hostis e racistas, nesse recorte, contra alunos negros” (SILVA, Deise, 2017, p.22718) e alunos LGBTIQ+.

Entendo a relevância da temática para o Ceará e a importância de produzir conhecimento específico sobre a homofobia se reproduz nas escolas do Maciço de Baturité, este projeto procura pesquisar as formas que assume a discriminação por motivos de gênero ou sexualidade, assim como as respostas dentro da escola, focando nas turmas de 8º e 9º ano

⁶ G1. 37% dos brasileiros não aceitariam um filho homossexual, diz pesquisa. São Paulo. 2013. Acesso: 25/08/2019.

⁷ G1. Ceará é o quarto estado que mais mata gays, travestis e transexuais. 2018. Acesso: 22/01/2021.

da escola pública de Baturité, Domingos Sávio, realizando observações etnográfica e entrevistas em profundidade com professores atuais e ex-alunos/as LGBTIQ+.

2. JUSTIFICATIVA

Durante minha adolescência, principalmente durante o ensino fundamental II, vi frequentemente o meu irmão sofrer pela forma que ele era. Embora ele ainda não tinha sua sexualidade definida, a forma que ele agia dentro e fora da escola, fazia com que todos os identificassem como gay e começaram a usar isso para cometer bullying e atos de violência tanto verbais, como físicos.

Passei meses pensando em que tema utilizaria para minha pesquisa, porém muitos que eu pensava e procurava livros/artigos, percebia que não conseguia me encaixar, e acabei vendo que, não conseguia me distanciar desse tema, talvez por ter sido testemunha dos insultos sofridos diariamente pelo irmão, e mesmo conversando com amigos e amigas que são LGBTIQ+, percebo que tudo isso que aconteceu a cerca de dez anos atrás, ainda acontecem hoje nas nossas escolas. Mesmo que uma família crie um filho lhe dizendo que é um menino, que tem que brincar com um determinado tipo de brinquedo que é considerado para o tipo de sexo, e a criança cresce tentando e querendo ser aquilo que lhe foi imposto desde de pequeno, porém uma hora ou outra acaba assumindo sua sexualidade e em alguns casos, só mostra/assume seu gênero ou orientação já na fase adulta (BENTO,2011). Muitos/as que optam por não seguir os padrões de gênero ou sexualidade, acabam sendo alvo de insultos dentro da escola em que estuda. Muitos têm medo em atravessar a linha que lhe define sexualmente, e sofrem represálias da própria família e colegas da escola (ANDRADE,2012). Os/as que se assumirem ser gay/lésbica durante a sua vida escolar e também social, sofre constantemente com insultos, ameaças, preconceitos; os intervalos das aulas podem se tornar uma tortura, já quer nesse horário os demais se sentem livre para cometer atos de violência (verbal ou físico), pois os professores/as aproveitam esse tempo para descansar e fazer um lanche.

Não basta falar de bullying, palavra asséptica, que não revela o heteroterrorismo a que essas crianças e adolescentes são submetidos. A reiteração de agressões verbais e físicas contra meninos femininos e meninas masculinas desfaz qualquer ilusão de que a heterossexualidade é um dado natural. Desde que nascemos, somos submetidos diariamente a um massacre: “Comporte-se como menina, feche as pernas, seja homem, menino não chora”. A produção da heterossexualidade é um projeto diário e violento. (BENTO,2017. p.198).

Cheguei à escolha de pesquisar as escolas de ensino fundamental II, devido o que minhas vivências nessa época junto com meu irmão que foram as mais impactantes em nossas

vidas. Durante o percurso escolar, os preconceitos, xingamentos e atos violentos foram bastante presentes. Ao contrário, no ensino médio, que ao chegarmos na nova escola, havia uma diversidade enorme: alunos/as gays ou lésbicas, alunos/as que estavam passando pela transição de gênero. Inclusive era encontrado alunos/as que se viam igualmente perante ao outro independente do seu gênero, predominava o respeito e vi meu irmão podendo se desenvolver e trabalhar em conjuntos com diversos projetos de autoria própria. Com base na minha experiência e como futura professora, acredito que, esse estudo, tende a me desenvolver melhor dentro da escola e poderá me instruir a passar por possíveis situações que pode ocorrer, poderei tomar posições diferente e também trabalhar com alunos de forma diferente a educação sexual, levando em consideração que estarei apta em ajudar os alunos/as/es em caso de dúvidas, dentre outras coisas, considero isso fundamental. Não quero esse tipo de estudo para benefício profissional, mas quero ele como um meio de contribuir os próximos dentro ou fora da escola. Partindo dos pressupostos que a educação sexual se faz necessária dentro do ambiente escolar em todas as faixas etárias, pois ela é um meio de combater as discriminações que alguns alunos/as acabam sofrendo por não seguir os padrões heterossexuais.

3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Análise sobre as formas de discriminação por orientação sexual e como é implementada a Educação Sexual dentro da escola municipal Domingos Sávio de Baturité, voltado nas séries de 8º e 9º anos do ensino fundamental, levando em consideração os métodos trabalhados pelos professores e as medidas institucionais.

4. PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa em si, tem como objetivo estudar, entender e compreender as vivências de alunos/as que se consideram LGBTIQ+, e como estes estão inseridos/as dentro do ambiente escolar e se sofrem algum tipo de preconceito/bullying. Busco também nessa pesquisa identificar qual o papel da escola em relação aos fatos que ocorrem ou podem ocorrer com estes alunos/as, será que a escola busca meios e formas para que dentro da escola não ocorra formas de preconceitos e bullying? Sabendo que, nessas situações, a educação sexual se torna como uma ferramenta de apoio aos professores e gestores, busco identificar se a mesma está presente dentro da escola e de que forma. Por se tratar de uma cidade pequena do interior do

Ceará, podemos nos deparar com um cenário diferente do esperado, a escola pode em si tratar sobre assuntos sobre a sexualidade ou não.

É importante saber quais as formas que os professores abordam as temáticas sobre sexualidade dentro da escola, se tais métodos abordados, debatidos e executados proporcionam benefícios para escola como a diminuição da discriminação, tendo assim, um ambiente escolar muito melhor (dentro da sala de aula e na hora do intervalo) e benéfico, onde todos os/as alunos/as se respeitam independente da sua sexualidade. Além disso fazer uma análise das narrativas de ex-alunos/as LGBTIQ+, para o ponto de vista deles/as, de como foi o período escolar desses alunos/as, se sofreu algum tipo de discriminação/violência, se eles sofreram por sua opção sexual, se alguns chegaram a desistir devido a discriminação, proporcionando assim olhar de duas formas, de alunos/as que passaram por essa fase no ensino fundamental e de como é hoje nessas escolas.

Essa questão levantada é um ponto relevante para conseguir entender se os métodos utilizados são eficazes, já que os métodos utilizados anteriormente (na minha época de ensino fundamental II), eram palestras ou algumas sanções disciplinares que buscava corrigir alunos que cometiam atos violentos, que geralmente ocorria sem ser na presença de um docente. Para que tal questão seja respondida, são necessárias outras questões como: Dentro do âmbito escolar (tanto em sala de aula como na hora do intervalo) existe discriminação com os/as alunos/as LGBTIQ+ e alunos/as que apresentam ter uma orientação sexual ou performance de gênero diferente do padrão heteronormativo? Quais os métodos utilizados pelos professores/as para abordar temas sobre sexualidade dentro da sala de aula? Quais as medidas tomadas (relação a sanções disciplinar ou palestras) pela docência para diminuir/erradicar a discriminação que os alunos LGBTIQ+ acabam sofrendo dentro da escola? Perguntas estas que está envolto ao objetivo central trabalhado.

4.1: OBJETIVO GERAL

Analisar práticas discriminatórias, respostas e medidas institucionais em relações aos alunos/as que são considerados/as do grupo LGBTIQ+.

4.2: OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar, descrever e analisar se dentro do âmbito escolar (dentro da sala de aula ou na hora do intervalo) existem atos violentos, preconceituosos com os alunos/as considerados/as LGBTIQ+.

- Mapear e analisar as medidas tomadas (em relação a sanções disciplinar ou palestras) e a temática abordada pela docência para diminuir/erradicar o bullying e a evasão escolar contra os/as alunos/as considerados/as LGBTIQ+.
- Analisar as narrativas dos/as ex-alunos/as, em relação aos preconceitos sofridos/vivenciados.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1 O que é gênero?

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.
(Louro, 1997, p.27)

Conceitualizar gênero ainda é complicado, pois ele é um termo complexo com inúmeros significados. Se pesquisarmos a palavra gênero, veremos que, existem vários tipos de gênero seja ele musical, textual, gramatical e sexual. No âmbito desse estudo levo em relevância apenas o conceito de gênero sexual, que mesmo com essa delimitação ainda é bem amplo seu conceito. Em uma pesquisa realizada no dicionário do Aurélio, foi possível encontrar diversos significados ao termo gênero, dentre elas que melhor se dar um entendimento do gênero sexual são:

12- Propriedade de algumas classes de palavras notadamente substantivos e adjetivos, que apresentam contraste de masculino, feminino e por vezes neutro, que podem corresponder a distinção baseadas nas diferenças de sexo. 13- Conjuntos de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos. (Dicionário do Aurélio).

Como podemos observar as significações de gênero no dicionário, a palavra neutra utilizada, não condiz corretamente as diferenças sexuais, já que ser neutro é não decidi em ser ou não ser homem/mulher, e a neutralidade não se situa no caso quando alguém já tem sua sexualidade definida, ela não é neutra, pois já está decidido ser de determinado gênero. No mesmo dicionário pesquisei a palavra neutro: 5- *Que não é masculino e nem feminino.* 7- *Privado de sexo (Dicionário do Aurélio).*

O conceito gênero teve grande impacto com as lutas das feministas, onde elas buscavam por igualdade social, lutavam por direitos políticos como: poder votar, trabalhar, estudar, de deter posses e bens, dentre outros. Queriam ser vistas na sociedade como uma mulher além dos deveres da maternidade e dos serviços domésticos, então na década de 1970,

as feministas começaram a usar esse termo gênero como uma diferença que a própria sociedade criava perante a cultura. Ou seja, perante a sociedade ocidental, a mulher que nasce e cresce sabendo que um dia ela vai casar, ter filhos e ser dona de casa, esse papel de gênero era visto como tradicional/cultural, a única coisa que acontecia era a socialização das crianças de acordo com o tradicionalismo da sociedade da época. De acordo com Piscitelli (2009, p.125) o termo gênero foi utilizado pelas feministas como diferença produzida na cultura, mas uniram a essa noção a preocupação pelas situações de desigualdades vividas pelas mulheres.

Atualmente utilizam-se o conceito de gênero para diferenciar as várias identidades de gênero existentes em nossas sociedades, gênero não é definido pelo sexo como se foi pensado durante muitos anos, fazendo uma confusão sobre esses dois termos parecidos e com significação diferentes, o gênero em si, traz uma multiplicidade de identidades diferentes, independente do órgão genital com que se nasce, mesmo que, essas novas identidades causem estranheza, assim como o “queer, tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é também o sujeito da sexualidade desviante-homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*.” (LOURO,2015, p.8)

O gênero pode, claro, ser definido de muitas formas: como um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação dos corpos, e outras mais. Mas o que faz com que qualquer uma delas tenha importância para o mundo é o que podemos fazer coletivamente com essas identidades e classificações. (CONNELL, 2016, p.17)

Entendo que, a conceitualização de gênero é atribuída às diferenças culturais e sociais das diferentes classes identitárias, seja ela homem, mulher, queer, LGBTIQ+ e nas outras inúmeras variações sexuais. Em o *Tesouro para estudos de gênero*, Bruschini, Ardaillon e Unbehaum (1998) explicam o conceito de gênero sendo como:

Princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológicas. (BRUSCHINI, ARDAILLON, UNBEHAUM. 1998, p.89).

O entender da significação de gênero é propício e fundamental desde crianças, utilizar sua conceitualização dentro do ambiente escolar é fundamental para que todos aprendam o seu conceito e diferenças entre os termos gênero e sexo, ajudando assim no ambiente escolar em um todo, porém acredito que a educação sexual deve ir além do que a escola ensina, pois a escola ensina as normas e regras da sociedade heterossexual.

5.2 EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE

De acordo com Louro (1997) a educação sexual ocidental moderna que nos era submetida, tinha como papel separar a todos. A escola produz “as diferenças, as desigualdades, as distinções” (LOURO, 1997. p.57). Um dos exemplos dessa época ainda carrega traços culturais na cidade de Baturité, ao entrarmos na cidade podemos observar duas escolas, uma de frente a outra, ambas católicas, só que uma era destinada a meninas e a outra a meninos. Podemos ver então, quanto a escola participa e participou da generificação dos sujeitos, ao ponto de conceber que meninas e meninos seriam tão diferentes como para precisar estar segregados em instituições diferentes.

Ao fazer uma visita em escolas de Baturité podemos observar que algumas escolas os alunos/as utilizam a mesma farda, calças compridas e blusa e dias de Educação Física, short e camiseta sem ter um fardamento específico para cada sexo, e se observamos melhor ainda podemos ver que, esse padrão de fardamento ocorre nas escolas públicas, porém o ensino infantil as meninas têm uma saia como farda. E o mesmo ocorre com as escolas particulares, porém observo que a saia continua até o ensino fundamental I. Não sei o porquê que isso está ocorrendo atualmente, estudei em escola particular e pública e não tínhamos fardas distintas para cada sexo, a única coisa que nos diferencia a em relação as vestimentas era as fardas de gala, onde as meninas vestiam saias e os meninos calças e essa farda só era utilizada em dias festivos. Nas aulas de Educação Física no período em que estudava, as meninas do 5º ano lutaram por um direito que era só dos meninos, a aula de karatê, que era considerada um esporte só de meninos, houve reunião e consentimentos dos pais para que pudessemos participar das aulas. Antes desses acontecimentos o karatê era uma prática dos meninos e o ballet das meninas e no contraturno em dias alternados, tinha aula de futebol, handebol e vôlei onde também éramos separadas, as meninas nas segundas e os meninos na quarta, utilizando como desculpas que os meninos poderiam nos machucar. As meninas nunca eram permitidas de fazer atividades que exigissem esforços físicos, ou que os meninos pudessem nos machucar, até fila na hora da merenda era dividido por meninas e meninos, hoje essas filas não existem mais, pois as escolas estão trabalhando constantemente com a igualdade dos alunos/as tanto que o karatê hoje na escola em que estudava é composta por meninos e meninas.

A escola enquanto instituição ainda produz gêneros binários, apesar dos avanços. Além disso, a discriminação por motivos de gênero e sexualidade ainda acontece dentro das

instituições educativas. O que educação sexual nas escolas poderia contribuir para que os sujeitos LGBTIQ+ disfrutem do mesmo direito a uma vida livre de violência do que seus pares? Quando situamos o debate sobre as sexualidades nas escolas podemos observar inúmeras coisas que são benéficas a todos/as, seja ela da prevenção do abuso sexual até do bullying escolar. Na escola existem diversas identidades de gênero se desenvolvendo/descobrimo, e é um avanço nas vidas dos/as jovens que chega a ser constrangedor ou avassalador para eles/as. O conhecimento do corpo, as dúvidas de quem se é, as paixões, tudo está envolto dentro da escola, é como se dentro do ambiente escolar, as crianças possuíssem mais liberdade para os seus sentimentos e suas descobertas. De acordo com Louro (1997, p.133) “o tratamento da sexualidade nas salas de aula geralmente mobiliza uma série de dualismo: saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc.”

A educação sexual ainda é algo que causa estranheza para muitos/as aluno/as e pais. De acordo com Garcia e Silva (2009) a escola viria a somar forças, ampliando e ajudando na compreensão da sexualidade, além dos valores que penetram a sociedade. A partir de um diálogo dentro de sala é possível fazer com que o aluno/a observe em sua volta e veja as diferenças sexuais presente, seja ele na escola, nas ruas ou em casa. Esses ensinamentos dentro de aula lhe acarretar um novo olhar, sem medos ou estranhamento, já que tal assunto deve ser tratado de forma natural dentro da escola e em casa. O papel da educação sexual começa, mesmo implicitamente dentro do ambiente familiar e a escola vem a ajudar nessas questões referentes a sexualidade.

“Cruzar os limites dos gêneros é coloca-se em uma posição de risco. Quando se afirma que existe uma norma de gênero, deve-se pensar em regras, leis, interdições e punições.” (BENTO, 2011.p. 554) Acabamos assim por seguir os padrões heterossexuais estabelecidos pela sociedade, onde temos banheiros diferenciados masculino/feminino, saia para meninas, comportamento adequados, a escola pode até ser um ótimo local para trabalharmos a diferença, porém ela acaba gerando os gêneros binários e punido qualquer transgressão.

A escola para muitas crianças pode ser algo terrível de se enfrentar, já que elas entendem que são diferentes em relação aos seus colegas, que possui uma orientação sexual diferente, e as vezes nem sequer se definem como homossexuais, porém se interessam mais pelas atividades do outro sexo e isso pode ser utilizado contra eles, sofrendo assim com o bullying e o preconceito. Em um diálogo com uma amiga que reside em São Paulo, fiquei assustada em saber que, a escola pediu para que a mãe cuidasse do cabelo do seu filho, pois o

mesmo estava parecendo uma menina e que o ideal seria o corte de acordo com o seu gênero. A mãe disse que a escola foi bem-educada ao lhe chamar atenção, porém ela ficou bastante chateada, ter que cortar o cabelo de seu filho que só tem apenas três anos, já que podemos considerar que uma criança de três anos tem o seu gênero ainda não definido, e que a sociedade em si, determina que o mesmo tem que seguir um comportamento de acordo com as suas genitália, porém uma criança não consegue diferenciar o sexo em si, não consegue diferenciar o corpo da menina para a do menino. “Embora a criança tenha um sexo ‘natural’, é só quando ela se torna (i.e., quando é significada como sendo) menino ou menina que adquire em gênero.” (LAURETIS, 1987, p.211).

O que a sabedoria popular percebe, então, é que o gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre oposição “conceitual” e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. Esta estrutura conceitual é o que cientistas sociais feministas denominaram “o sistema sexo-gênero”. (LAURETIS, 1987, p.211)

Casos como esses acontecem diariamente, chega até ser comum. No ano de 2015 a revista Nova Escola publicou uma matéria sobre o “menino Romeo de cinco anos que foi banido da escola por preferir usar vestidos do que as roupas consideradas adequadas ao seu sexo, o mesmo só teria direito a voltar a escola quando se vestisse adequadamente” (SOARES, 2015, on-line). As crianças/adolescentes que sofrem cotidianamente violência dentro da escola, por causa da sua orientação sexual, acabam por desistirem da escola, eles não desistem de estudar, desistem das violências.

[...] não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala de escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e exclui aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão. É importante diferenciar evasão de expulsão, pois ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia. (BENTO, 2011, p. 129)

Precisamos entender que as questões de gênero e sexualidade dentro da escola deve ser voltada para se combater as mais variadas formas de violência que muitos alunos sofrem por não seguir os padrões da sociedade. A violência, o bullying a discriminação e o preconceito devem ser trabalhados diariamente dentro da escola como um meio de ensinar os alunos as diferenças de classe, etnia, sexo, gênero, raça, como um meio de prevalecer um respeito pelas diferenças de cada um.

5.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PNC'S)

Utilizarei nesse tópico assuntos referentes a educação sexual, gênero e diversidade sexual na escola, orientação sexual e ciências naturais que fala sobre reprodução e corpo humano; usando como apoio três livros dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil que são: Ciências Naturais, Temas Transversais-Ética e Orientação sexual.

No livro PNC's de Ciências Naturais, utiliza alguns assuntos referente ao corpo humano, demonstrando as diferenças que as crianças acabam encontrando no seu corpo e no corpo dos seus colegas, e que, a partir dessas diferenças algumas crianças utilizam isso para fazer algumas 'brincadeiras' maldosas e o papel do professor/a é fazer uma abordagem para ensinar as diferenças entre si.

No primeiro ciclo os alunos podem conhecer as características externas do corpo humano, comparando crianças, adolescentes e adultos dos dois sexos. Podem identificar as características gerais do corpo humano, que nos identificam como espécie, e as características particulares de sexo, idade e etnia. (BRASIL, PNC's, livro04, 1997, p.51).

Com o crescimento os adolescentes vão percebendo as mudanças em seu corpo, como a mudança da voz e crescimento de pêlos e isso é natural da transição da fase infantil para adulta. Em certo momento desse livro, retrata que, essa transição do adolescente “é um momento de profundas modificações no corpo, no modo de se relacionar com o mundo, com sua sexualidade e com o sexo oposto.” (BRASIL, PNC'S, livro 04, p.52). No meu caso como pesquisadora e estudante vejo que nesta parte existe um equívoco já que, quando o adolescente começa a ter relacionamentos amorosos ele tanto pode se relacionar com o sexo oposto, com pessoas do próprio sexo ou com pessoas não binárias, pois é um momento de descobertas e dúvidas e para alguns pode sim surgir a dúvida de qual sexo ele gosta, é do mesmo sexo? Ou sexo oposto? Ou até mesmo independente da sua genitália. Além dessas perguntas de quem o adolescente irá se relacionar, poderá aparecer outras perguntas durante o seu desenvolvimento como: quem eu sou?

As questões sobre sexualidade, que muito provavelmente surgirão, merecem ser trabalhadas. Assuntos como a construção da identidade sexual, o prazer, a masturbação e demais aspectos são abordados levando-se em conta os componentes biológicos e culturais. É importante que o professor esteja atento e explicita os aspectos culturais envolvidos, buscando evitar preconceitos e responder dúvidas, valorizando os vínculos entre afeto, responsabilidade, sexualidade e auto-estima. (BRASIL, PNC's, livro 04, 1997, p.62).

Ainda falando sobre o livro de Ciências Naturais no tópico *Ser humano e saúde*, o livro aborda que o/a professor/a deve ensinar na escola questões sobre velhice, doenças,

verminose, DSTs como a AIDS e sobre tratamento, contágios e prevenção, assuntos esses que devem ser abordadas pelos/as professores/as utilizando alguns dispositivos didáticos.

No livro que fala sobre Temas Transversais- Ética, podemos observar um tópico que fala sobre orientação sexual, onde temos informações resumidas e um pouco confusas como podemos observar:

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. (BRASIL, livro 81, 1997, p.28).

Fiquei com dúvidas relacionado a essa questão, que posturas são essas retratadas nesse livro? Será que é o comportamento? De ser quieto ou agitado? possivelmente seja, já que é um livro voltado para o conteúdo de Ética, mas em primeiro momento levei em consideração que essas posturas seria: o comportamento adequado para cada sexo, já que podemos ver que essa frase está no tópico de orientação sexual. Além de tudo o livro remete assuntos que tem que ser abordados pela escola dentro da temática de Ética como: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.

No último livro utilizado, é o que fala exclusivamente sobre Orientação Sexual, onde retrata o porquê que a educação sexual foi implantada nas escolas. Retrata que surgiu nos meados da década de 80, pois tanto os pais como os professores/as estavam preocupados/as, com as situações que os/as jovens estavam passando como: gravidez precoce, DSTs e o bullying – portando consideravam a sexualidade como um problema para os/as jovens. Sabendo que a sexualidade é algo presente desde de tenra idade, e que esses ensinamentos devem começar dentro do próprio ambiente familiar (que é onde também acontece violência), porém muitos pais não sabem nem como falar sobre isso. (BRASIL, PNC's, livro102,p.77)

No tópico que fala sobre *Orientação Sexual na Escola*, o livro revela que, a educação desde o primeiro ciclo na escola pode sim trazer melhorias: como o respeito pelo próximo e melhoria no rendimento escolar. (BRASIL, PNC's, livro102, p.84).

No cotidiano escolar pode aparecer dúvidas de alunos/as sobre a sexualidade, independente de qual disciplina está sendo estudado no dia, é importante o professor/a ajudar o/a aluno/a sobre essas questões. Portanto Educação sexual é abordado na escola como um tema transversal, extraprogramação ou sempre que houver dúvidas de alunos/as. (BRASIL, PNC's, livro102, p.88)

Como já falado antes, a própria escola acaba produzindo diferenças entre os meninos e as meninas, tendo vestimentas diferenciadas (algumas escolas) e algumas atividade que as

meninas não podem participar, então a escola acaba fazendo a divisão desses dois grupos, porém nesse livro, relata que o agrupamento de sexos acaba ocorrendo naturalmente pelos/as próprios alunos/as onde as meninas acabam ficando só com as meninas e o mesmo ocorre com os meninos, porém a escola não percebe que ela própria faz com que as diferenças entre sexos aconteça desde do ensino infantil. O livro ainda traz questões de saúde como a higiene, cuidado com o corpo, DSTs e gravidez precoce, considerando que a educação sexual é meio das crianças/adolescentes identificar o que é, como acontece e o que fazer em relação de abuso sexual, já que os menores não conseguem ter um total conhecimento sobre isso, além disso as medidas trabalhadas pelos/as professores/as para acabar com a discriminação/preconceito que acontece dentro da escola referentes aos diferentes formas de orientação sexual, é relevante para a melhoria do ambiente escolar em si. (BRASIL, PNC's, livro102, p.95-100).

Pelo que observei nesses livros a educação sexual ela é abordada principalmente nas aulas de Ciências Naturais, com o tema inicial de reprodução sexual, mostrando como funciona os órgãos reprodutores dos humanos e animais, porém o tema também é tratado transversalmente na disciplinas que abordam Ética, e também pode acontecer da escola disponibilizar alguns dias das semanas com aulas que podem durar de uma à duas horas de aulas, para falar só sobre gênero-sexo-sexualidade, com o intuito de orientar e ajudar nas dúvidas de alguns alunos e é fundamental responder questões voltadas para a sexualidade em qualquer período escolar, sendo que esses três estão presentes nos PNC's, portanto não é algo que foge do currículo escolar.

5.4 DEFINIÇÃO DE SEXO, SEXUALIDADE E HETERONORMA

A muito tempo vem-se discutindo o significado da palavra sexo, sabemos que a palavra tem duplo significado na sociedade hoje em dia, um dos conceitos de sexo é o biológico, que ocorre até mesmo no planejamento de uma gestação, onde os pais ficam ansiosos em saber qual o sexo do seu bebê, e o outro sentindo que se tem, é a que todos conhecemos, até mesmo em preencher formulário eletrônicos em concursos, vestibulares como por exemplo '*SEXO: masculino ou feminino*'; inclusive na ata de nascimento; hoje em dia, devido a tantas mudanças e cobranças, vemos uma nova opção em alguns (não são todos) formulários, aqueles que vem além de masculino ou feminino o '*não se aplica*', mas mesmo assim vemos que a palavra sexo está ligada ao órgão sexual externo, por isso ainda se é entendido que "o ser humano nasce masculino ou feminino, de acordo com o seu sexo

biológico, com a predisposição a ser de uma forma e não de outra.” (ANDRADE, 2012, p.89). Hoje em dias vejo que a definição de sexo poderá sofrer mudanças a partir do registro de nascimentos, é um grande avanço na sociedade, em alguns países já se é possível trocar nome e sexo no registro, aqui “no Brasil, não há nenhuma lei federal que garanta às pessoas trans o direito de mudar nome e sexo nos documentos” (BENTO, 2017. P.187), porém muitos lutam pelo direito de ser reconhecida como se é, sem ter um sexo definido e escrito/estampado na sua certidão de nascimento, até porque existem pessoas transsexuais, lésbicas, gays e aquelas que não se tem uma definição. No dia 10 de abril de 2021, de acordo com uma reportagem da TAB UOL, vemos uma conquista realizada por Idris⁸, de ter seu registro modificado para sem sexo definido, Idris sofreu preconceito e bullying tanto por professores e colegas, durante o período do ensino fundamental, onde o mesmo só se sentia confortável após trocar de escola no ensino médio. Idris é a segunda pessoa no Brasil a ser reconhecida legalmente como não binária.

A sexualidade até onde sabemos, são as nossas sensações, desejos, interação com o próximo, sendo fundamental em nossas vidas, é algo que está em nós, onde convivemos com ela, e por isso ela está presente até mesmo dentro da escola, não está relacionada com o sexo biológico com que nascemos, e nem este defini qual sexo se identificamos. De acordo com a OMS (2020) a:

“Sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais.” (p.15).

De acordo ainda com a OMS(2020), a implementação da saúde sexual tem sido fundamental em diversas aspectos que de acordo com a mesma, houve um aumento da compreensão sobre a sexualidade em si, sobre os meios discriminatório e desigualdade, mas sabemos que mesmo existindo informações para conscientizar as diversas formas de gêneros, sexualidade, o preconceito ainda é muito presente, as diferentes formas de gênero existentes ainda são muito marginalizadas, as pessoas que não seguem os padrões das normas, masculino ou feminino, sofrem perseguições, são violentadas, e algumas são forçadas desde mesmo na infância, fazendo com que acredite-se que o “discurso produtor da

⁸ TABUOL. Idris, 2ª pessoa não-binária reconhecida no Brasil: agora eu existo. 2021. Acesso: 17/06/2021

heterossexualidade é mostrar a si mesmo como natural, é nos fazer esquecer dos inúmeros, cotidianos, reiterados ensinamentos a que fomos submetidos: a sexualidade normal e natural é a da heterossexualidade.” (BENTO, 2017.p.211) De acordo com isto, vemos que o que é considerado socialmente *normal* é ser homem ou ser mulher, e que nessa sociedade infelizmente ainda convivemos com heteronorma bem presente, fazendo com que aconteçam diversos tipos de preconceitos, violência, e sempre o outro que não é hetero é visto como o marginal, ou o até mesmo a ideia de que toda transsexual ou travesti é prostituta e que tem que se vender nas ruas.

6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS / ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa será realizada na escola pública de Domingos Sávio de Baturité, localizada na Avenida Dom Bosco, no centro da cidade, nas séries de 8º e 9º ano. A escolha da escola se deu por ter uma quantidade maior de estudantes, por ser a escola central da cidade de Baturité, o número maior de estudantes será benéfico, para observações sistemáticas.

Conforme ao primeiro objetivo específico, que é “Observar, descrever e analisar se dentro do âmbito escolar (dentro da sala de aula ou na hora do intervalo) existem atos violentos, preconceituosos com os alunos/as considerados/as LGBTIQ+.” Nesse objetivo meu intuito é utilizar o diário de campo, anotando tudo que for necessário para a questão em si. A identificação racial também será identificada em todas as descrições, pois sem ser o foco deste projeto, está envolvida em todas as interações sociais. Utilizarei a entrevista como uma técnica que ajudará a responder os outros dois objetivos, sendo que no objetivo “Mapear e analisar as medidas tomadas (em relação a sanções disciplinar ou palestras) e a temática abordado pela docência para diminuir/erradicar o bullying e a evasão escolar contra os/as alunos/as considerados/as LGBTIQ+.” consiste tanto na observação como na entrevista com professores e professoras. O tipo de entrevista vai ser despadronizadas com perguntas pré-estabelecidas, que poderá variar ou mudar de acordo com que for ocorrendo o diálogo, esse meio de entrevistas tem como objetivo, deixar o entrevistado/a mais à vontade com a pesquisa. Paulo Freire (1987) fala da importância do diálogo:

O diálogo fenomenaliza e historiciza a essencial intersubjetividade humana, ele é relacional e nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes admiram um mesmo mundo; afastam-se deles e com ele coincidem; nele põe-se e opõe-se (1987, p. 16).

Minha pesquisa é etnográfica, pois se faz necessário a observação-participante, mesmo que não ocorrendo entrevistas com os alunos - por mim observados dentro da sala de aula e nos intervalos- a participação é importante para que os mesmos se sintam confortáveis e que a minha presença dentro da escola não interfira tanto no cotidiano escolar, já que nossa presença sempre interfere. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) uma pesquisa que analisa as relações entre escola, professor, aluno e sociedade, com o intuito de conhecer profundamente os diferentes problemas que sua interação desperta é um dos exemplos de pesquisa etnográfica.

Em um primeiro momento se faz necessário o uso de um diário de campo, onde neste irei relatar a dinâmica do/a professor/a a abordar temas que remete a sexualidade, permitindo assim, perceber a reação dos alunos quando se fala sobre o tema, se a forma que o professor é capaz de captar a atenção dos mesmos, para que se possa entender o propósito que o professor em questão quer chegar, se os professores/as conseguem utilizar a educação sexual como uma ferramenta para o combate à discriminação, buscando saber quais as ideias desses professores/as e qual seu grau de preparação para abordar a temática, já que a maioria das formações de magistério não te preparam para desconstruir as relações de gênero. O diário de campo se faz necessário também para observar se dentro da escola estudada existe preconceito e discriminação com alunos que são LGBTQI+. Uma segunda técnica que irei utilizar é a entrevista dentro da escola com três professores/as e o diretor/as que aceitar participar da entrevista, com as seguintes perguntas do anexo 1 (p. 24).

Em um outro momento será realizado uma entrevista com ex-alunos LGBTQI+ da cidade de Baturité, relatando suas vivências no período em que cursou o ensino fundamental II. A entrevista será realizada com dez pessoas com as quais já tenho um contato mínimo por residimos na mesma cidade, porém mesmo nos conhecendo, alguns não tenho um vínculo de amizade, então será necessário durante a realização da pesquisa uma aproximação melhor com eles/elas antes da entrevista, para que o mesmo se sinta confortável tanto com minha presença e com a pesquisa. A entrevista obedece aos padrões éticos, portanto, fica a critério dos/as entrevistados/as querer ou não participar, já que estamos falando de uma época que pode ser além de delicado, também constrangedor para eles/as, e se optaram a participar e se em algum momento não quiserem continuar mais com a entrevista, a mesma poderá ser interrompida a qualquer momento. Ficará também ao critério das pessoas entrevistadas se gostariam de aparecer com seu nome ou com pseudônimo. Essa entrevista também será em forma de diálogo, com algumas perguntas chaves, para que possam redireciona-los ao

objetivo estudado, em nenhum momento utilizarei essas perguntas com o intuito de induzir respostas. As perguntas se encontram no anexo 2 (p. 25)

As entrevistas serão realizadas por um gravador, já que tudo que for coletado futuramente pode ser de total importância na minha pesquisa (desde que os/as entrevistados/as aceitem o registro)

A análise do material se dará a partir do diário de campo e das entrevistas realizada com os professores/as e os ex-alunos/as, os diários de campo serão utilizados tanto para registrar os comportamentos dos alunos/as quando é abordado os temas que envolve a sexualidade, os comportamentos perante ao próximo além das temáticas e medidas dos docentes envolto ao objeto de estudo. As entrevistas poderão trazer respostas eficazes para os meus objetivos, tendo como foco nesse estudo as discriminações; e ajudará a conhecer a forma que o docente age em algumas situações de discriminação e preconceito que alunos acabam sofrendo dentro da escola por questão de identidade de gênero. A análise das narrativas me dará uma ferramenta de comparação com os dados coletados dentro da escola.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travesti na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Metonia, 2012. v.344p.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino Fundamental**, livro 102. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso: 26 de maio de 2019

_____, **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética, livro 81**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____, **Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais : ciências naturais, livro 04**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília :MEC/SEF, 1997.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença, *ESTUDOS FEMINISTAS*, v.19, p.549-559, 2011.

_____, **Tranviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil**. São Paulo: Selo Negro. 2011.

CONNEL, Raewyn. *Gênero em tempos reais*. Tradução: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, J. L.; SILVA, R. B. Sexualidade na Educação Infantil: desenvolvimento humano e formação Docente. In: I SIES- Simpósio Internacional de Educação Sexual. Maringá: 2009. v1. p.1-1.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo, *Métodos de Pesquisa*, Porto Alegre, 2009.

G1, 37% dos brasileiros não aceitariam um filho homossexual, diz pesquisa. São Paulo, 2013. Disponível: <https://g1.globo.com/Brasil/noticia2013/05/37-dos-brasileiros-nao-aceitariam-filho-homossexual-diz-pesquisa.html>. Acesso: 25/08/2019.

_____, Ceará é o quarto estado que mais mata gays, travestis e transexuais. 2018. <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-e-o-quarto-estado-que-mais-mata-gays-travestis-e-transexuais.ghtml>. Acesso: 22/01/2021.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6a.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. v. 01. 179p.

_____, **Um Corpo Estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LGBTIQ+ in Dicionário infopédia de Siglas e Abreviaturas. Porto: Porto Editora, 2003-2021. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/lgbti> Acesso: 21 de janeiro de 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: 2003.

LAURETIS, Tereza de. *Tecnologia do gênero. Technologies of gender*. Indiana University Press: 1987.

MILENA, Lilian; Maioria no país defende educação sexual nas escolas, diz Datafolha; Jornal GGN; Disponível: <https://jornalggn.com.br/educacao/maioria-no-pais-defende-educacao-sexual-nas-escolas-diz-datafolha/amp/>. Acesso: 21 de maio de 2019

MIRANDA, Andrew; Fake News sobre kit gays tiveram 146 mil compartilhamento, diz entidade; EU, RIO!, 2018. Disponível: <https://eurio.com.br/noticia/2895/fake-news-sobre-kit-gay-tiveram-146-mil-compartilhamento.html>. Acesso:19 de maio de 2019.

SAÚDE. Organização Mundial da. **Saúde Sexual, direitos humanos e a lei [e-book]**. Porto Alegre: UFRGS. 2020

SILVA, Deise Cardoso Santos. *Bullying Racial: Nuances acerca da violência, representações e discriminação à estudantes negros na escola de ensino fundamental*. Salvador, Bahia, 2017

PAINS, Clarissa; Menino veste azul e menina veste rosa, diz a ministra Damares Alves em vídeo; O GLOBO, 2019. Disponível: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso: 02 de junho de 2019.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: história de um conceito. In: ALMEIDA, H.B. & SZWAKO, J.E (Org). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

Significado de Gênero. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/genero>. Acesso: 28 de julho de 2019.

Significado de Neutro. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <https://dicionariosaurelio.com/neutro>. Acesso: 28 de julho de 2019.

SOARES, Wellington. *Educação Sexual: precisamos falar sobre Romeo...* Nova Escola, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>. Acesso: 28 de julho de 2019.

TABUOL. Idris, 2ª pessoa não-binária reconhecida no Brasil: ‘agora eu existo’. 2021. Disponível: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/17/2-pessoa-nao-binaria-e-reconhecida-no-brasil-agora-aceitam-que-existo.htm>. Acesso: 17 de junho de 2021.

VIDALE, Giulia; Por que considerar a homossexualidade um distúrbio é errado; Veja Abril; 2017. Acesso: 19 de maio de 2019.

8. ANEXOS



Anexo 1:

Questões para a escola e docentes:

1. A educação sexual é abordada? Quando foi a última vez que o senhor/a lecionou sobre a temática? Como abordou o tema e qual foi a reação da turma?
2. Como se sente ao abordar esses conteúdos? Porque?
3. Quais os métodos utilizados pela escola para abordagem da educação sexual dentro da sala de aula?
4. A educação sexual tem um período específico para acontecer ou acontece gradativamente durante o ano todo?
5. Qual o material utilizado? Já vem nos livros didáticos de ciências ou é outro tipo de material próprio para educação sexual?
6. A educação sexual é dada de que forma? Aula ou palestra?
7. Tem casos de violência, discriminação por questão de gênero?
8. Quais as medidas utilizadas pela docência quando há atos como: violência e discriminação? Essas medidas realmente são eficazes?
9. Com a implantação da educação sexual dentro da escola foi possível observar melhorias como: diminuição do preconceito/bullying e evasão escolar?
10. Como é a resposta dos alunos/as/ pais?



Anexo 2:

Ex-alunos, que são do LGBTI:

1. Quando cursava o ensino fundamental II, dentro da escola era debatido a educação sexual?
2. Como eram as formas abordadas sobre sexualidade dentro da escola?
3. Nessa época, como você se percebia? Você gostava de meninas? Meninos? Já namorava? O que tipo de coisas gostava de fazer?
4. Independentemente da resposta, teve situações de violência? Gritos, xingamentos, agressões na escola? Por causa de que? Você relaciona isso com que? /com sua sexualidade?
5. Qual o espaço das agressões? E dos acolhimentos?
6. Qual o posicionamento dos docentes sobre tais agressões?
7. Alguma vez, independente do espaço da escola, você chegou a sofrer com alguma agressão em que os docentes não se posicionaram?
8. Em algum momento pensou, em não frequentar mais esse ambiente hostil?